

CONTRIBUIÇÃO DAS REDES SOCIAIS PARA O TEMA DA DEFICIÊNCIA^{1 1}

Taiana Renata Martins da Silva²,

Rose Cler Estivaleta Beche³

Geisa Leticia Kempfer Bock -Orientadora do Trabalho⁴

Resumo:

O artigo trata de quais são as contribuições das redes sociais para ampliar os sentidos atribuídos à deficiência por professores da educação básica. A partir da hipótese de que as redes sociais ajudam a popularizar o tema e há uma carência de informações sobre deficiência na formação dos professores, o trabalho aqui apresentado tem o objetivo de analisar como as redes sociais influenciam o estoque de conhecimento sobre o tema. A discussão revela a análise das respostas de professores e professoras que participaram de uma pesquisa qualitativa on-line que ocorreu no âmbito do curso de formação continuada organizado e oferecido pelo Laboratório de Educação Inclusiva - LEDI/CEAD/UEDESC na modalidade à distância, na plataforma Moodle, tendo como público profissionais que atuam no contexto da educação básica de distintas redes de ensino da Grande Florianópolis. Do questionário aplicado, a pergunta “Quais informações sobre deficiência você lembra de ter recebido das redes sociais (facebook, instagram, twitter, blogs, grupos de whatsapp)? recebeu 96 respostas. Destas, o equivalente a 14,58% responderam não ter nenhuma informação via redes sociais, 3,12% responderam que as informações recebidas via redes sociais são negativas e 82,29% responderam receber informações sobre deficiência via redes sociais. Por fim, uma revisão crítica da literatura sobre o tema e a análise dos dados coletados permitem compreender como as informações obtidas através das redes sociais permitem explorar as representações sociais e culturais da deficiência por professores da educação básica.

Palavras-chave: Redes Sociais, Deficiência, Educação Básica

Introdução

Pensar a diversidade, os acessos, a deficiência e a acessibilidade são os desafios do século XXI. Esses conceitos se interseccionam em vários pontos, tanto teóricos quanto pragmáticos. A universidade tem papel fundamental na produção de um corpus intelectual sobre esses temas urgentes da realidade. Em 2013, a UDESC institucionalizou o LEDI - Laboratório de Educação Inclusiva para garantir um espaço de pesquisa e extensão focado em estudos da deficiência.

¹ Vinculada ao projeto “Os sentidos atribuídos às concepções de deficiência por profissionais da Educação Básica”/CEAD/UEDESC.

² Acadêmica do Curso de História - FAED - Bolsista PROBIC

³ Doutora pelo Curso de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - SC, nae@udesc.br

⁴ Orientadora, Laboratório de Educação Inclusiva - LEDI – CEAD – geisabock@gmail.com

No ano de 2023 a professora Geisa Letícia Kempfer Böck ofereceu o Curso de Formação Continuada pelo Laboratório de Educação Inclusiva - LEDI/CEAD/UEDESC na modalidade à distância, na plataforma Moodle, e teve como público de mais de 300 profissionais que atuam no contexto da educação básica de distintas redes de ensino da Grande Florianópolis.

Como estratégia metodológica para mensurar o conhecimento prévio dos cursistas e depois o que foi apreendido a partir das informações do curso, os(as) participantes responderam a dois questionários sobre informações gerais sobre a deficiência. O ‘Questionário Perfil e Concepções de Deficiência’ com o objetivo de conhecer os(as) participantes da Formação Continuada em Estudos da Deficiência e o ‘Questionário Contribuições da Formação Continuada nas Práticas Profissionais’ que buscou identificar as contribuições do curso oferecido nas práticas profissionais.

Referencial Teórico - Metodológico

A partir de uma perspectiva interdisciplinar entre história digital e educação no campo dos estudos da deficiência, o presente texto faz uma análise sobre a contribuição das redes sociais e sua relação com o tema da deficiência. Para tanto, no questionário distintas perguntas foram inferidas, e para este estudo o enfoque foi na seguinte questão: Quais as contribuições das redes sociais para ampliar os sentidos atribuídos à deficiência por professores da educação básica? O texto toma como ponto de partida a hipótese de que as redes sociais ajudam a popularizar o tema e de que há uma carência de informações sobre a temática da deficiência na formação dos professores. O trabalho aqui apresentado tem o objetivo de entender como as redes sociais influenciam o estoque de conhecimento sobre o tema. A discussão revela a análise das respostas de professores e professoras que participaram de uma pesquisa qualitativa on-line, a qual ocorreu no âmbito do curso de formação continuada já mencionada. Do questionário aplicado, a pergunta “Quais informações sobre deficiência você lembra de ter recebido das redes sociais (facebook, instagram, twitter, blogs, grupos de whatsapp” recebeu 96 respostas. Destas, o equivalente a 14,58% responderam não ter nenhuma informação via redes sociais, 3,12% responderam que as informações recebidas via redes sociais são negativas e 82,29% responderam receber informações sobre deficiência via redes sociais.

A transformação do início do século XX integrou a História às ciências sociais e a voltou para uma perspectiva crítica de história problema. A produção de conhecimento histórico no Tempo Presente é impactada pelas redes sociais, novas formas de registro e

comunicação do século XXI. O conceito de redes sociais já existia, mas softwares como ICQ(1996-2010), MSN (1999 - 2012), MySpace (2003-2019) - Orkut (2004-2014), Facebook (2004-atual), Youtube (2005 - atual), Twitter (2006 - 2024 (no momento suspenso no Brasil⁵), Tumblr (2007-2019), Instagram (2010 - atual), Pinterest (2011-atual), Snapchat (2011-atual), Whatsapp (2013- atual), Telegram (2013-atual), Discord (2015- atual), Tik Tok (2016-atual) tornaram possível uma nova forma de comunicação através da world wide web. O impacto dessa transformação social, econômica, comportamental e política implica em uma “virada digital” difícil de ser mensurada devido não apenas pelo volume de informação produzida, mas talvez, principalmente, por ser usuário de alguma rede integrada de comunicação pela internet sujeitos às combinações algorítmicas e às experiências de usuário.

A historiadora Anita Lucchesi (2014, p.46) em seu estudo revela que a “virada digital” implica em uma compreensão do “senso de responsabilidade em torno da "usabilidade" (usability) e "legibilidade" (readability) da Web”. A virada digital não apenas força um encaminhamento de reflexões para onde se difunde informações e se constrói conhecimentos de forma metacognitiva através das plataformas de comunicação como as redes sociais, mas, principalmente, esfuma as fronteiras disciplinares permitindo reflexões inter e transdisciplinares sobre as redes e temática entrelaçadas com a internet.

A origem da palavra "deficiência" vem do latim: *deficiens*, que é a forma do presente do particípio do verbo *deficere*. Este verbo significa "desertar", "revoltar-se" ou "falhar", sendo composto por *de-* (fora) e *facere* (fazer, realizar). Os estudos da deficiência - *Disability Studies in Education* - produzem entendimentos críticos que moldam a investigação, política, pedagógica e a pesquisa em educação. Baglieri (2020) argumenta que o campo dos Estudos sobre Deficiência (DS) é transdisciplinar e se debruça em entender a deficiência como fenômeno cultural, influenciado por fatores históricos, políticos, econômicos e sociais. Os Estudos sobre Deficiência na Educação (DSE) aplicam essa perspectiva para examinar criticamente como a deficiência é conceitualmente configurada na pesquisa e prática educacionais. O DSE se esforça para discernir e teorizar modelos médicos e sociais de deficiência, a fim de promover reformas educacionais anticapacitistas. É a partir dessas conexões que os filamentos do presente texto se costuram pois, um curso com professores de ensino básico de uma grande capital, revelam que têm as redes sociais como referências na

⁵ O Twitter foi vendido em 2022 para o empresário, dono da empresa Tesla, Elon Musk por U\$44 bilhões de dólares. Em 2023 o nome foi alterado para X e em agosto de 2024, a empresa decidiu encerrar suas operações no Brasil.

sua construção crítica sobre a deficiência através de conteúdos de exemplos de vida, narrativas médicas e sobre legislação, inclusão e acessibilidade.

Resultados e Discussões

Mais de 80% dos professores do curso, os quais responderam o questionário, disseram receber informações sobre deficiência via redes sociais e afirmaram que seguem influenciadores e influenciadoras com deficiência, o que contribui para ilustrar situações da vida cotidiana e sensibilizar sobre o tema. Ao analisar as respostas do formulário de Avaliação do Curso, infere-se que as redes sociais funcionam como fonte de informação e de referência comportamental e que permitem uma familiarização com a deficiência.

Informações sobre inclusão, exemplos de vida e informações médicas conforme as respostas abaixo destacadas:

Inclusão:

“Cursos, palestras, lives. Muitas reportagens e vídeos apresentados por pessoas com deficiência, que são extremamente esclarecedores, por exemplo: Reels com adolescentes com TEA, auxiliam muito a esclarecer dúvidas e desmistificar muitos detalhes.”

“Muita informação sobre várias coisas, dicas de como cada pessoa com determinada deficiência se comporta, como se deve trabalhar ou agir, materiais e recursos, entre outros.”

“Informações de conhecer as pessoas como elas são, antes da deficiência e como sujeito de direitos.”

Exemplos de Vida:

“Muitas questões ainda sobre a superação de deficiência, mas atualmente há vários perfis de pessoas com deficiência que mostram suas vivências e desconstruem esses estereótipos”

“como já mencionado, sigo algumas pessoas com deficiência nas redes sociais que abordam temas como capacitismo, inclusão, preconceito, discriminação entre outros.”

“Com acesso às redes sociais, pude seguir pessoas com deficiência, conhecendo suas peculiaridades e potencialidades.”

Informações Médicas:

“Hoje, o instagram é uma das redes onde mais acesso informações, através do perfil de profissionais que disponibilizam conteúdos sérios e confiáveis (sempre busco acompanhar aqueles que apresentam embasamento científico). Também é um espaço onde vejo famílias e pessoas com deficiência compartilhando suas experiências.”

“Com o aumento dos acessos nas redes sociais encontrei médicos, professores e familiares que falam sobre deficiências e transtornos, além disso compartilham conteúdo, atividades escolares e outros.”

No cenário educacional e digital as concepções apontadas pela literatura dos estudos da deficiência se repetem nos conteúdos das redes sociais: modelo caritativo, biomédico e social. Como apontado por Böck, Beche & Silva (No Prelo), no modelo caritativo, a deficiência é retratada por meio da ideia de piedade, ou da falta centrada no corpo. A partir do exemplo de vida, ao observar o *life style* ou do diário cotidiano da pessoa deficiente através de vídeos e fotos pelo Instagram, os professores revelam o sentimento velado de compaixão, comiseração, o que traz consequências na prática pedagógica, e é visível no contexto escolar, principalmente quando observamos o lugar ocupado ou permitido para as crianças com deficiência e sua participação ou não participação na escola.

O modelo biomédico, que também se repete no conteúdo nas redes sociais consumido pelos professores sobre deficiência, se pauta numa visão de que a deficiência é uma experiência individual, causada por fatores genéticos ou físicos, que pode ser superada, corrigida. Por fim, o modelo social que aparece tanto quando os professores consomem conteúdos produzidos pela própria pessoa com deficiência, como quando o autor ainda trata de questões de legislação, inclusão e acessibilidade. Para materializar um pensamento pragmático, os 10 maiores Influencers⁶ PCD's do Instagram como Pequena Lô (4.4M), Paola Antonini(2.5M), Laís Souza (1.2M), Lorryne Carlyne (880k), Ivan Baron (512k), Cacai Bauer(505k), Gabriel Araujo (424k), Andrea Schwarz (404k), Stephanie Marques (312k), Kelen Ferreira (197k) tratam dos mais diversos temas e abordam a temática da deficiência em diferentes perspectivas. Há diversidade na diferença, nas diferentes experiências de deficiência; e sua representação nas redes sociais ajuda a ampliar o imaginário e o conhecimento sobre a

⁶ Levantamento de informações sobre seguidores feito em 09 de setembro de 2024.

realidade destas pessoas. As concepções médicas, social e caritativa se apresentam nos conteúdos divulgados nas redes sociais inclusive entre os maiores influencers do Instagram.

Considerações Finais

As informações obtidas através das redes sociais permitem explorar as representações sociais e culturais da deficiência por professores(as) da educação básica da grande Florianópolis. A pergunta “*Quais informações sobre deficiência você lembra de ter recebido das redes sociais (facebook, instagram, twitter, blogs, grupos de whatsapp)?*” recebeu 96 respostas. Destas, o equivalente a 14,58% responderam não ter nenhuma informação via redes sociais, 3,12% responderam que as informações recebidas via redes sociais são negativas e 82,29% responderam receber informações sobre deficiência via redes sociais. A análise das respostas dadas pelos professores e professoras revela que as concepções médicas, social e caritativa são replicadas nos conteúdos divulgados nas redes sociais inclusive entre os maiores influencers do Instagram.

Referências Bibliográficas

BAGLIERI, Susan. Estudos sobre deficiência na educação e educação inclusiva. **Oxford Research Encyclopedia of Education**, 2020.

<https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264093.013.1245> Acesso em 05/08/2024.

BOCK, Geisa Leticia Kempfer., BECHE, Rose Cler Estivaleta & SILVA, Solange Cristina.. Os sentidos atribuídos à deficiência por profissionais da educação básica. **Revista Educação e Realidade**. (No Prelo).

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. In: **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014.

RECH, Tatiana. Possibilidades e desafios do atendimento educacional especializado. In: HATTGE, Morgana Domênica; KLEIN, Rejane Ramos. **Diferença e inclusão na escola**. Curitiba: CRV, 2015

SANTOS, J. P. C.; VELANGA, C. T.; BARBA, C. H. Os paradigmas históricos da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 35, p. 313-340, 2017. Disponível em:

<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/3237/1664>. Acesso em 20/05/2024.